Questão do Palheiro: Coimbrões e Lisboetas

Urbano Loureiro

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Questão do Palheiro: Coimbrões e Lisboetas

Urbano Loureiro

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

URBANO LOUREIRO

QUESTÃO DE PALHEIRO

COIMBRÕES E LISBOETAS

Estavas, linda Ignez, posta em socego...

VERSO.

PORTO:

NA TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,

4, Rua de Santa Thereza, 6.

1866.

URBANO LOUREIRO

QUESTÃO DE PALHEIRO

COIMBRÕES E LISBOETAS

Estavas, linda Ignez, posta em socego...

VERSO.

PORTO:
NA TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,
4, Rua de Santa Thereza, 6.
1866.

QUESTÃO DE PALHEIRO

COIMBRÕES E LISBOETAS

Dai passagem, romanos, ao proscripto,
Que vem vêr se na praça ha peixe frito!
FABIA.

I.

Ahi p'ra as bandas de baixo
que barulho, que rumor!
É o vinho do Cartaxo,
ou é do Aleixo o licor?
A questão anda ateada,
por um tris não ha pancada,
e nem um cabo sequer!
Nem cabos, nem regedor,
nem alma viva na rua,
nem um cão ladrando á lua,
p'ra despertar a patrulha,
que resona agasalhada

nos capotes d'oleado,
ás soleiras encostada
sem se importar com a bulha,
que me vai na visinhança.
Estaremos na Bairrada?!

Que agentes de seguranca!...
Mas falla-se em litt'ratura;
litt'ratura d'espartilho
e litt'ratura nevoenta...?
Adivinhei a final!
Não é por vinho o barulho,
vem a ser outro o sarilho:
é a gente do Quental
com a gente do Castilho!

Ora o leitor quer saber
d'onde é que nasce a questão?
Vou fallar-lhe sem paixão;
attenda e confie em mim,
que não sou parte suspeita;
a historia, co'a maleita,
lá vai tim-tim por tim-tim.

II.

Uma pergunta em segredo
a respeito do Castilho.
--Sabem quem é o sujeito?--
Um velhote de respeito,

sempre co'a mão no gatilho
d'algum doirado epigramma;
que a pedido faz prefacios,
onde ha perolas e lama;
que não encontra poetas
como os Virgilios e Horacios;
que foi o author infeliz
do a-b-c repentino,
e da Lilia abandonada,
que p'lo ciume ralada
se trespassou co'um pepino.

Já o conhecem?--Pois bem!
Um dia 'stava o bom velho
co'uma das mãos n'um joelho,
n'um joelho ou n'um artelho,
(isto diz-se; não n'o juro)
meditando no futuro,
talvez prevendo da Hespanha
o rebentar da castanha;
e batem de rijo á porta.
--Quem é?--a criada indaga.
--Manoel Pinheiro Chaga.--

--Manda subir a visita.--
E de si p'ra si:--Que praga!--
E quando elle entra na sala:
--Ó meu amigo, que dita!
Como se lembrou de mim

no meio dos seus triumphos
o Méry do folhetim?--
--É lisonja; agradecido;
acabei o meu poema...--
--E vem a mostrar-m'o, sim?
Então, amigo, não trema;
o tremer é de criança;
em mim não põe confiança?
Parece pouco animoso!...--

--Bagatella! isto é nervoso!
Padeço muito dos nervos!--
--Eia, sus, ó meu irmão,
eia, vate sonoroso!
a ti a minha attenção!--

E o poeta recitou-lhe
d'um só fôl'go a _Invocação_:
e logo apoz o poema,
que na filha d'uma _beef_
(p'lo modo séria menina,
que o Chaga baptisou Emma)
fui descobrir a heroina.
E por fim o poemeto,
em que o heroe papa-fina,
p'ra não dizer papa-moscas,
á chuva, mui socegado,
medita no seu passado.

E vai e disse o Castilho

quando o Chaga terminou:
--Muito bem! dê-me um abraço,
aperte-me este espinhaço!
O senhor não leu, cantou!
Mil parabens!--
--Agradeço,
são favor's que não mereço.--

O velho deu quatro passos,
e para encobrir o riso:
--Ouça cá, tive uma idéa;
se eu lhe escrevesse um «juizo»,
p'ra o livro fazer mais bulha,
urdido á moda de tea,
e n'ella entalado um grulha,
que espirrasse co'a pitada?
--Vossa excellencia pinhora-me
--Acceita?--
--Muito óbrigada;
isso mesmo era o que eu qu'ria
p'ra os volumes não ficarem
nos lotos da livraria...--
--Então, 'stá dito?--
--'Stá dito!--
Retiro-me.--
--Adeus, amigo;
p'ra tudo conte commigo.--

E o vate desceu a escada trauteando o pirolito.

III.

Leram do livro o final?
Toparam com a pitada
ao Anthero do Quental?
Pois o Anthero deu patada!
Viu em tudo aquillo fel,
e sem qu'rer foi á parede!
Botou o Castilho a rede
e pescou... um bacharel!

Veio o _bom-senso_ e o _bom-gosto_
provar que estava no posto
o ratão, que se incumbira
de chamar os compradores
p'ra o livro que não sahira
dos armarios do livreiro
sem do Anthero os máos humores.

Levou p'ra baixo o Castilho;
aquillo é que foi malhar!
e malhar em ferro frio,
segundo se ousa affirmar,
que o velhote, esse, nem pio!

Não se pôde em si conter
aquelle pobre Quental!
Foi uma tunda de mestre
no mestre, mas a valer!
Não lhe queiramos nós mal.

E o Castilho, sempre moita,
ri d'aquelle que o espanca;
não tinha mais que fazer
do que ao Quental responder!

E o Quental por cima tranca!

IV.

Tinha esquecido dizer
que o Quental é coimbrão,
e não gosta do Castilho
com razão ou sem razão;
d'isso não quero saber.

E de Coimbra e Lisboa
os litteratos de prôa
saltaram logo p'ra o campo
a discutir a questão,
pregando fachada á toa,
a maior parte no chão,
e creio que toda em vão.

Cada qual quiz ser juiz
no barulho, em que o bom-senso
appar'ceu, segundo penso,
esmorrado do nariz.
E veio á arena o Roussado
com chalaças a granel
(que em chalaça é jubilado)
a entampar o bacharel,

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com